O Sistema Internacional na formação da Base Industrial de Defesa soviética: da Revolução à bomba de hidrogênio (1917-1953)

Valeska F. Monteiro
*Joana B. Vaccarezza**

RESUMO: Este artigo tem como tema a formação da Base Industrial de Defesa soviética e o papel representado pelo Sistema Internacional nesse processo, da Revolução de 1917 ao desenvolvimento da bomba de hidrogênio em 1953. A modernização da União Soviética foi uma das missões logo adotadas pela Revolução Russa após sua consolidação em 1922, e teve como consequência a rápida industrialização do país. Parte-se do pressuposto de que a construção e a evolução do Base Industrial de Defesa nesse contexto é resultado não apenas da visão que tinham os revolucionários a respeito das etapas necessárias à Revolução, mas também de uma necessidade de sobrevivência em um mundo capitalista, competitivo e hostil à Revolução.

PALAVRAS-CHAVE: Revolução Russa; União Soviética; Base Industrial de Defesa; Sistema Internacional.

* Graduandas em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

1 Introdução

Em 2017, comemora-se o centenário da Revolução Russa. A história do século XX foi marcada pela ocorrência de uma revolução socialista no centro do Sistema Internacional (SI). Grandes acontecimentos da história mundial foram influenciados e influenciaram o desenvolvimento da Revolução soviética, a mais longeva da história. O objetivo deste artigo, nesse sentido, é analisar qual o papel exercido pelo SI no processo de formação da Base Industrial de Defesa soviética, desde a revolução de 1917 até o desenvolvimento da bomba de hidrogênio em 1953. Parte-se da hipótese de que os rumos desse Estado revolucionário foram, em alguma medida, resultado da interação com o SI e dos constrangimentos que impôs, e não somente das decisões internas.

O referencial teórico utilizado para realizar esta análise parte dos escritos de Fred Halliday em seu livro "Repensando as Relações Internacionais" (HALLIDAY, 1999). Nessa obra, o autor discute as Revoluções enquanto um "poder" atuante no SI, mas frequentemente esquecido pelos analistas da área de Relações Internacionais. Partindo dessa premissa, Halliday (1999) chama atenção para a importância de entender como as Revoluções afetam as relações internacionais e o Sistema Internacional, e como por eles são afetadas. O autor define, portanto, ao menos quatro áreas de análise relevantes em qualquer estudo de Revoluções: suas causas internas e externas; a política externa do Estado Revolucionário; as respostas dos outros Estados; e a formação desse Estado sob a perspectiva de quanto constrangimento externo lhe é imposto (HALLIDAY, 1999, p. 149).

Neste estudo, ainda que estejam presentes essas quatro áreas de análise em alguma medida, ganha enfoque a última, que diz respeito a "como (...) os fatores internacionais e o sistema como um todo constrangem o desenvolvimento interno pós-revolucionário dos Estados e determinam suas evoluções políticas, sociais e econômicas" (HALLIDAY, 1999, p. 149). No caso da história russa/soviética, o mais importante a ser analisado a esse respeito são as inúmeras tentativas dos outros Estados do SI de "socializar" a Revolução - ou seja, suavizá-la e fazê-la se ajustar ao capitalismo. Procurou-se atingir esse objetivo tanto por meio da guerra quanto da ameaça dela, sendo a Guerra Civil e a contrarrevolução os impulsos iniciaisdesse processo.

Para melhor analisar como isso ocorreu, destacar-se-ão os principais acontecimentos do período, desde a Guerra Civil até o imediato pós Segunda Guerra Mundial. Objetiva-se avaliar qual relação a Base Industrial de Defesa (BID)estabelece com os próprios rumos da Revolução, quais foram os constrangimentos externos impostos à estae de que modo eles impactaram no desenvolvimento da BID. Os temas de defesa e de industrialização se constituíram em uma constante ao longo da história da Rússia revolucionária e da União Soviética. Com a conclusão da Guerra Civil, ainda que os bolcheviques tenham saído vitoriosos, permanece na sociedade russa um sentimento de cerco. Essa percepção de ameaça vinda do mundo capitalista perduraria ao longo de toda aRevolução, tendo papel importante nos caminhos adotados por seus líderes nos anos seguintes (BARBER et al., 2000).

Ainda vale ressaltar o uso do termo Base Industrial de Defesa nesta pesquisa como um conceito amplo para uma análise holística de um objeto de estudo que não necessariamente se trata apenas de algo físico e concreto (complexo de indústrias em determinado local), mas de uma rede intrincada – que inclui fornecedores, pesquisadores, fábricas, infraestrutura civil e as próprias Forças Armadas – e que possibilita a fabricação de armamentos estratégicos à sobrevivência do Estado. Este conceito é utilizado a partir de Regiane de Melo (2015), que define "Base Industrial e Tecnológica de Defesa (BITD)" como uma rede de estruturas e de instituições estatais, organizações militares, centros de pesquisa, universidades e empresas, os quais, juntos, tomam parte na pesquisa & desenvolvimento (P&D) e, principalmente, na produção de meios estratégicos de defesa nacional (MELO, 2015, p. 35).

2 A Revolução Russa consolidada (1917-1922)

Em outubro de 1917, a Rússia ingressou no processo revolucionário que, anos depois, culminaria na criação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e na consolidação do que ficaria conhecido como Revolução Russa. Considera-se aPrimeira Guerra Mundial (I GM) e os dramáticos impactos que ela causou na Rússia como motoresdesse processo. A Guerra gerou sérias consequências e impôs enormes sacrifícios aos russos, dentre eles a queda na produção

de alimentos, as enormes baixas em combate (e fora dele), as derrotas na frente de batalha, a desmotivação, as deserções e as insubordinações. De fato, a situação da Rússia poderia ser caracterizada como verdadeiro caos interno. (VISENTINI et al, 2013;BUSHKOVITCH, 2014)

As greves, as manifestações e os motins pressionando o governo central já haviam levado à abdicação do Czar Nicolau II em março daquele ano. De março a outubro de 1917 existiu um governo dual na Rússia. De um lado, houve a formação do Governo Provisório com os antigos representantes da Duma de Nicolau II, os quais pretendiam sustentar ao máximo o poder central, ainda que na sua forma precária. Estes optaram pela permanência da Rússia na I Guerra Mundial. Ao mesmo tempo, o soviete de Petrogrado ganhava força, tornando-se elemento político de oposição ao Governo Provisório, uma espécie de "governo" alternativo. Sovietes se formaram também em Moscou e em outras cidades, unindo soldados, camponeses, trabalhadores. Antigos líderes socialistas voltaram do exílio na Europa ocidental e começaram a organizar os sovietes para tomar o poder e para transformar o regime. A situação de caos interno no país e a falta de autoridade central possibilitaram, em certa medida, a consecução deste objetivo (VISENTINI et al., 2013; BUSHKOVITCH, 2014).

É nesse momento que diversos partidos saem da clandestinidade e organizam a população russa para tomar o poder e para iniciar a revolução socialista. O Governo Provisório reage com forte repressão armada aos grupos revolucionários, que têm dificuldade de se reorganizar. Em outubro, finalmente, Vladimir Lenin retorna da Finlândia e reúne os líderes bolcheviques, que nessa época são maioria política nos principais sovietes. O evento símbolo desse período é a invasão dos Guardas Vermelhos ao Palácio de Inverno, encerrando o Governo Provisório. A partir de então, os bolcheviques tomam o poder na Rússia, proclamando a República Socialista Soviética Russa (VISENTINI et al, 2013; BUSHKOVITCH, 2014).

O principal desafio que surge com o início da Revolução é a construção do socialismo em meio à Guerra e ao caos interno (colapso da rede de transportes, falta de alimentos, economia desestruturada, epidemias). Os líderes revolucionários decidem pela saída da Rússia da Primeira Guerra Mundial em março de 1918, a fim de tentar reverter a situação interna precária. Porém, a contrarrevolução

irrompe de maneira violenta, marcando o início de uma sangrenta guerra civil na Rússia com ingerência de potências externas. Os revolucionários criam, então, o Exército Vermelho dos Operários e Camponeses para combater os principais grupos armados opositores: cossacos e ucranianos no Sul, legião tcheco-eslovaca na Sibéria Ocidental, Exército Branco de cossacos da Sibéria, liderado por Kolchak (BUSHKOVITCH, 2014).

Em novembro de 1918 se encerra a Primeira Guerra, e britânicos, franceses, canadenses, norte-americanos e japoneses passam a apoiar vários dos grupos opositores[1] na Guerra Civil russa. O apoio externo à contrarrevolução interna veio de várias formas, desde o envio de pessoal combatente - invasão do território russo - até a ajuda financeira, passando por fornecimento de armas, suprimentos, munições, entre outros (WILLIAMS, 1994; VISENTINI et al, 2013; BUSHKOVITCH, 2014;). As tropas aliadas britânicas e francesas chegaram a combater no Sul, mais próximas dos brancos ucranianos (mas também apoiando Kolchak), enquanto as tropas japonesas concentraram-se na parte mais oriental da Rússia, como Vladivostok (BUSHKOVITCH, 2014).

Dificultando ainda mais a situação interna da Rússia, em 1920 o país entra em guerra com a Polônia: esta, aproveitando-se da situação de vulnerabilidade do Estado russo, invade a Ucrânia. A Rússia reage forçando a retirada das tropas polonesas. Os russos, porém, continuam a guerra ao invadir a Polônia, chegando até a capital Varsóvia. Nesse momento o Exército Vermelho fica cercado pelos poloneses, os quais, com ajuda francesa, forçam a retirada russa e retomam suas fronteiras mais ao Leste, firmando tratado de paz. Essa foi uma derrota significativa para o Exército Vermelho e para os revolucionários de modo geral, mostrando que a agressão externa poderia se tornar uma ameaça constante ao território russo. Portanto, para defendê-lo a Rússia precisaria se estabilizar internamente e encontrar condições para melhorar suas capacidades militares (BUSHKOVITCH, 2014).

Ainda assim, mesmo com a derrota para a Polônia em 1920, a Guerra Civil foi vencida pelos bolcheviques em 1921, com os principais grupos brancos derrotados pelo Exército Vermelho. A questão que fica em aberto é como foi possível para a Rússia, nas condições em que se encontrava, vencer as forças brancas

1 Tais grupos ficaram conhecidos como "brancos", em oposição àcor vermelha da Revolução Socialista.

contrarrevolucionárias. O relato do próprio general russo Georgi Júkov acerca desse período pode contribuir nesse debate. O Gen. Júkov relata em suas memórias como um esquadrão comandado por ele no Exército Vermelho conseguiu vencer um regimento inimigo inteiro na Revolução Russa devido à abundância de munição e de canhões do lado revolucionário (JÚKOV, 2015, p. 100). À primeira vista, essa informação é curiosa: como um país em situação caótica internamente teria conseguido sustentar tanta abundância de meios militares no campo de batalha? Essa situação só é possível ao se considerar o que o próprio Júkov (2015) explica nas páginas seguintes sobre a integração entre as forças produtivas e o poder militar.

Júkov (2015, p. 102) descreve como o Exército Vermelho era o único lado do campo de batalha que possuía viaturas de combate blindadas, mostrando a grande vantagem militar, seja quantitativa, seja qualitativa, do lado russo.Ainda existem alguns veículos militares dessa época que corroboram as afirmações do General. O Austin-Putilov é o principal deles: adaptado de um projeto inglês, foi o mais importante carro para os russos na Primeira Guerra Mundial e na Guerra Civil, produzido em larga escala. Para a época, era relativamente avançado, com blindagem de 8mm, duas metralhadoras e autonomia de 200km, além de ser um carro bastante robusto (ABRIL COLEÇÕES, 2010).

Júkov (2015) ressalta que o importante para a vitória da Revolução na Guerra Civil foi a "união Exército Povo", que, em outras palavras, significava o alinhamento de objetivos entre as capacidades produtivas soviéticas (civis, metalúrgicos, operários) e os soldados. Segundo Júkov (2015), concentrou-se poder e recursos imensos da economia nacional nas áreas militares mais relevante à Revolução. Esse alinhamento, a integração civil-militar, possibilitou a criação das condições para que a vantagem militar estivesse a favor do Exército Vermelho frente aos brancos (JÚKOV, 2015, p. 106-107). Disciplina, unidade de comando, organização de Exército regular, com controle centralizado e uniforme em todos os níveis (subordinação e disciplina rigorosas) foram outros fatores que permitiram a vitória da Revolução. O General Júkov ressalta ainda o "conhecimento, comprometimento e determinação das tropas" (JÚKOV, 2015, p. 108).

Em suma, pode-se dizer que, em grande medida, a sobrevivência e a origem da Revolução Russa se dão justamente graças à união entre forças produtivas - as

indústrias que resistiam em meio à Guerra - e Forças Armadas, com ênfase no Exército Vermelho e na força terrestre. Em certo sentido, pode-se avaliar que o impulsoa esse processo veio, em primeiro lugar, da invasão terrestre do território russo por forças que se opunham à Revolução e que, por isso, buscavam sufocá-la. Em outras palavras, o ímpeto inicial à BITD é dado pelo Exército Vermelho em meio à Guerra Civil imposta pelas potências externas (BARBER et al., 2000). Justamente essa BID nascente teria possibilitado a vitória dos revolucionários.

Em relação à organização econômica e produtiva da URSS nessa época, adotou-se o Comunismo de Guerra. Este consistiu em um plano socialista de contingência, ou seja, adaptado para a severa realidade russa. Portanto, incluiu diversas políticas econômicas não previstas inicialmente pelo socialismo, como o confisco de cereais (devido à falta de alimentos), a nacionalização de fábricas e do comércio, a centralização de instituições econômicas no Estado, um partido único central e o Exército Vermelho enquanto sustentação militar desse processo. Finalmente, em dezembro de 1922, se deu a constituição da URSS[2], encerrando o período de comunismo de guerra (VISENTINI et al., 2013; BUSHKOVITCH, 2014).

Estabelecida a URSS, criava-se um desafio à ordem internacional mundial capitalista, uma vez que se constituiu em um país socialista isolado em meio a potências capitalistas hostis. Contudo, a política externa soviética, de um modo geral, tendeu mais à coexistência pacífica do que ao internacionalismo proletário. Em outras palavras, seguiu-se mais a linha leninista de busca pelo "interesse nacional" soviético do que a de internacionalização da revolução. Ainda assim, a relação do Estado Revolucionário com a diplomacia e a política mundiais era complicada: a URSS, pelos motivos supracitados, se considerou em guerra com o mundo capitalistadurante toda a sua existência, precisando, portanto, se defender. A ameaça da guerra se tornou, assim, uma maneira de gerar coesão social interna e de justificar a acelerada industrialização e militarização (WILLIAMS, 1994).

2 A URSS possuía uma estrutura federal baseada em território e etnia. Moscou era o centro de várias repúblicas soviéticas, tecnicamente independentes (mesma condição jurídica da Rússia), que gozavam de autonomia cultural, por exemplo, mas que eram governadas pelo Partido Central (centralização política e econômica). À União cabia os encargos de defesa, relações exteriores, transportes, comunicações, planejamento econômico. Inicialmente eram membros a Rússia, a Ucrânia, a Bielorrússia e a Transcaucásia; posteriormente foram criadas as Repúblicas da Ásia Central no âmbito da União(Cazaquistão, Quirguistão, Turcomenistão, Uzbequistão e Tadjiquistão) (VISENTINI, 2013).

3 Do Isolamento a Potência Mundial: a formação do BITD soviética (1927 a 1945)

Como mencionado acima, nos anos iniciais o foco da revolução esteve na consolidação do Estado revolucionário e na reconstrução do país. O desgaste material e humano sofrido pela Rússia entre a I GM e a Guerra Civil fora enorme. Nas estimativas reunidas por Paul Kennedy(1989), constam cerca de 30 milhões de russos mortos por combate, ferimentos, epidemia ou fome. A queda na capacidade produtiva foi tamanha que apenas em 1927 se atingiu o mesmo nível de produção de 1913. Tendo em vista a debilidade interna e externa da revolução, exposta na seção anterior, Lênin propôs "dar um passo atrás", aliando elementos socialistas e capitalistas no desenvolvimento econômico da Revolução, pela Nova Política Econômica (NEP). De forma resumida, pode-se afirmar que a NEP procurava recuperar a deteriorada economia russa por meio do estímulo à volta (temporária) da iniciativa privada, principalmente na produção agrícola e de bens de consumo. O setor agrário foi o grande beneficiário da NEP, e a economia russa, centrada no campo, pôde de fato se recuperar. O setor industrial (e, portanto, a produção de armamentos) tinha papel secundário na política econômica da época, mas, ainda assim, apresentou resultados positivos. Estima-se que em 1926 os níveis de produção manufatureira foram equivalentes ao nível pré-I GM (KENNEDY, 1989; VISENTINI et al., 2013).

Foi a partir do fim da década de 1920 que a indústria de defesa soviética teve um *boom*, decorrente da mudança na política econômica adotada pela Revolução. Ao final dos anos 1920, os soviéticos já haviam aprendido com a Guerra Civil e com a Primeira Guerra Mundial que a indústria de defesa era essencial para a sobrevivência de um Estado, principalmente se tratando de um Estado considerado "inimigo" ou párea pelos demais Estados. Assim, o importante para a guerra era a entrega de grandes quantidades de armas, munições, tanques e aeronaves, produzidos em tempos de paz e também de guerra. Essa percepção leva não só à indústria de defesa, como também à industrialização do país como um todo, dado o caráter dual da tecnologia (emprego civil e militar). A construção civil e militar foi feita em larga escala, materializando os centros produtivos e tecnológicos que compunham o complexo militar-industrial soviético (BARBER et al., 2000).

Assim, entre o fim dos anos 1920 e a Segunda Guerra Mundial (II GM), articulou-se uma Base Industrial e Tecnológica de Defesa. Tal composição do setor produtivo com fins militares diferia do que existia ainda no Império, caracterizado por algumas indústrias especializadas com pouco poder de mobilização da economia como um todo para a guerra (BARBER et al., 2000). Esse processo foi decorrente do debate no interior do Partido Bolchevique acerca das prioridades produtivas que deveria ter a Revolução. Em 1927, o XV Congresso do Partido optou pela proposta da Esquerda, representada por Trotsky e pelo economista Breobrazhenskii, que defendia o investimento massivo no setor de bens de produção e de insumos básicos (tais como ferro, aço, energia e combustíveis) - embora essa mesma Esquerda tenha sido derrotada e perseguida a partir de então. O produto imediato desse debate foi a criação dos planos quinquenais (KONTOROVICH, 2015).

O marco político-econômico em que essa mudança ocorreu era composto pela política de coletivização do campo e pela planificação da economia nos planos quinquenais, sob a supervisão da *Gosplan*, o Comitê Estatal de Planejamento. Adiciona-se, ainda, um contexto político mais amplo de "guinada à esquerda" e de predominância dos quadros "internos" sobre os quadros "cosmopolitas" do Partido que marcam a ascensão de Stalin como líder da Revolução e a política de perseguição e terror no ambiente interno. Cabe mencionar também que a política econômica adotada por Stalin, especialmente a política de coletivização, visava não só ao desenvolvimento da economia e das capacidades militares, mas também à eliminação da contradição entre elementos capitalistas e socialistas gerada pela NEP (VISENTINI et al., 2013).

Os responsáveis diretos pela produção eram os ministérios, ou comissariados do povo, seguindo uma cadeia de supervisão em vários níveis hierárquicos. Ao longo do processo formativo da BITD, os ministérios responsáveis pelo desenvolvimento da indústria de defesa foram se especializando. Em janeiro de 1932, o Ministério da Indústria foi dividido entre o Ministério da Indústria Pesada e o Ministério das Indústrias Leves. Em dezembro de 1936, foi criado o Ministério da Indústria de Defesa. No prelúdio da II GM, este se dividiu em quatro áreas: indústria de aeronaves (NKAP), de armamentos (NKV), de construção naval (NKSP) e de munição (NKB). Apesar dessa especialização, a divisão entre setores

produtivos para fins "civis" e "militares" não era tão clara. Assim como as fábricas sob a direção dos ministérios dedicados à indústria de defesa desenvolviam produtos civis em períodos de paz, fábricas tipicamente civis produziam produtos de dupla finalidade e, conforme crescia a perspectiva de guerra, convertiam sua produção para uso militar. Além disso, participavam da BITD fábricas de produção de bens de uso geral, tanto insumos básicos (como metais e combustíveis) como bens de consumo não-durável consumidos pelos soldados (como alimentos e vestimentas). Existia, portanto, na indústria de defesa soviética, uma certa divisão entre "ativa" e "reserva", em que variava a intensidade do emprego das forças produtivas para fins militares ou civis (BARBER et al., 2000).

Em 1928, foi implementado o I Plano Quinquenal, que previa uma diminuição da participação relativa do setor bélico na economia (BARBER et al., 2000). Já no II Plano (1932-1937), observa-se a preocupação específica com a produção de armamentos. Neste período, destacou-se a produção de tanques e de aviões, esta superior à de todas as outras potências em alguns anos do período. Em 1937, com a percepção da iminência de uma guerra contra a Alemanha nazista, além de provocações japonesas na fronteira extremo-oriental soviética, houve uma verdadeira reorientação da economia soviética para a guerra, ativando-se as fábricas "reservas" (KENNEDY, 1989).

Não obstante, a produção soviética para a defesa não se limitava aos planejamentos gerais da *Gosplan*. Em paralelo ao I Plano, por exemplo, o Comissariado do Povo para Assuntos Militares e Navais (NDVM) produziu seu próprio plano quinquenal. Este foi considerado bastante irrealista, pois estabelecia metas que não poderiam ser cumpridas tendo em vista a capacidade produtiva da época. Na verdade, a iniciativa evidenciava a pressão do setor militar, ligado às forças armadas, sobre o setor industrial a fim de obter prioridade nas decisões de investimento. Além disso, com a evolução do quadro de hostilidade internacional e o crescente "alarme de guerra" no interior do quadro dirigente soviético, muitas vezes os planos previamente elaborados, que objetivavam maior equilíbrio entre a produção de bens de produção, de "destruição" e de bens de consumo, eram deixados de lado para favorecer o setor de defesa (SIMONOV, 2000a; BARBER et al., 2000).

A partir da breve exposição sobre a indústria de defesa no período entre guerras, surgem alguns questionamentos. Quais eram as motivações por trás dos desenvolvimentos na economia soviética como um todo e na indústria de defesa em particular? Retomamos a questão principal do artigo: que papel teve o contexto internacional no processo que descrevemos de formação da BITD soviética? A seguir, trataremos de episódios que evidenciam diferentes influências do SI sobre a política soviética industrial de defesa.

Kontorovich (2015) questiona a visão tradicional na literatura econômica[3] que indica que a industrialização dos primeiros planos quinquenais, nos moldes em que ocorreu, tinha como fim o crescimento econômico em si mesmo. Reunindo uma série de discursos de Stalin, bem como textos oficiais e manuais de economia e de história da época, chega à conclusão de que a preparação militar era um objetivo prioritário na escolha do modelo de industrialização adotado.Destacavam-se três linhas gerais na argumentação pró-industrialização acelerada e intensiva no setor de bens de capital: referentes à consolidação do socialismo na URSS; ao crescimento econômico; e à equiparação das capacidades militares às das potências capitalistas. Dentre elas, a linha da segurança era claramente favorecida. Embora seja arriscado explicar os verdadeiros objetivos baseando-se nos discursos oficiais, essa ideia ganha peso ao se considerar o fato de que os dirigentes centrais evidenciaram os fins militares dos planos econômicos, mesmo quando isso poderia prejudicar a imagem pacífica da Revolução (KONTOROVICH, 2015).

Seguindo a argumentação, o autor coloca em questão qual o fim da política de defesa à época. Ou seja, aceita-se que havia um interesse deliberado e público no desenvolvimento de capacidades bélicas, do ponto de vista tanto quantitativo quanto qualitativo, mas para defender-se de quem ou do quê? Para o autor, em meados da década de 1920, antes da ascensão de Hitler ao poder, ainda não havia ameaças claras oriundas do sistema internacional que justificassem tal medida. O que Kontorovich (2015) não considera, porém, é que não só a Alemanha nazista constituía ameaça externa à União Soviética. Como já mencionado, mesmo com o fim da Guerra Civil e das intervenções estrangeiras na revolução, seguiu no

3 Os autores que publicaram obras mais recentes a partir dessa visão, segundo Kontorovich, são Spulber, Gregory, Berend e Ofer.

sistema internacional certa hostilidade com a URSS, cuja principal evidência é o bloqueio comercial (KENNEDY, 1989). Além disso, há que considerar o efeito que a derrota na I GM ea reação internacional desde o início da Revolução tiveram sobre a moral e a percepção dos bolcheviques a respeito do contexto internacional e da segurança da URSS (BARBER et al., 2000).

Em 1927, difundiu-se um alarmismo no interior do partido e na sociedade soviética de que a guerra contra a revolução era iminente[4]. Esse contexto teve um impacto decisivo sobre os rumos da política soviéticade defesa, influindo nas decisões do XV Congresso e principalmente na opção pelo incremento na produção de armamentos. Atualmente, se entende que à época não havia fundamentos reais para tal alarme, apesar da formação da "pequena Entente" entre os países vizinhos à URSS e da crise nas relações com a Grã-Bretanha(SIMONOV, 2000a; SONTAG, 1975). Considera-se também que o pânico difundido naquele ano cumpriu um papel no controle interno da revolução, tanto do Partido sobre a sociedade, quanto do grupo stalinista contra a oposição de esquerda (Trotsky) e de direita (Bukharin). No entanto, a revisão dos documentos oficiais da época aponta que a direção do Partido tinha um medo real de uma possível invasão externa (SIMONOV, 2000a; SONTAG, 1975). Em 1928, o Comissário de Defesa estimou que as capacidades militares soviéticas seriam predominantemente inferiores a uma provável coalizão adversária, composta por Polônia, Finlândia, Romênia e países bálticos (SAMUELSON, 2000).

Além do medo referente à possibilidade de agressões de países capitalistas vizinhos, existia uma intricada relação entre a capacidade soviética de dissuadir ou responder a esses ataques e a estabilidade interna do regime. Simonov (2000a) afirma que, consciente da debilidade do regime soviético frente a ameaças externas e internas, a classe governante concluiu:

> [...] que o atraso militar e econômico do país era passível de minar a autoridade do regime por meio de complicações internacionais, que com a menor ameaça de se transformarem em uma grande guerra, revelariam sérios problemas internos, e que estes emergiriam sobretudo na área das relações entre as autoridades e os camponeses, que formavam a espinha dorsal de um exército mobilizado (SIMONOV, 2000a: 45, tradução nossa).

4 Na literatura em inglês, o episódio tem a denominação de the 1927 *war scare ou war alarm*.

Ao longo dos anos 1930, a ameaça do sistema de Estados capitalistas tornou-se cada vez mais concreta, até culminar na Grande Guerra Patriótica, como os soviéticos chamavam a frente oriental da II GM. Enquanto a crise de 1929 levava o mundo capitalista a um panorama generalizado de desemprego e de estagnação, a URSS seguia seu processo de recuperação socioeconômica e de industrialização. O socialismo popularizou-se, sobretudo na Europa. A URSS, um novo modelo de nação que havia escapado à Grande Depressão, ganhou prestígio. Contudo, isso levou ao aumento das ameaças internacionais à revolução. Em reação ao agravo econômico e ao fortalecimento do socialismo, assistiu-se à ascensão da direita em muitos países, em especial os regimes da Itália, do Japão e da Alemanha (KENNEDY, 1989). Esses países - que mais tarde formariam o Eixo na II GM - assinaram, entre 1936 e 1937, o pacto anti-*Kominterm*. Com ele, oficializaram suas intenções previamente declaradas de extinguir o socialismo, o que não só significava perseguir membros dos Partidos Comunistas locais, mas também constituía uma ameaça clara à integridade da União Soviética.

O forte sentimento anticomunista do período, entretanto, não se limitava a governos de cunho fascista. Os dirigentes políticos britânicos e franceses tampouco estavam confortáveis com a ideia de um Estado socialista industrializado e armado no continente europeu sob o mando de Stalin. O fato desses dirigentes esperarem que o III Reich atacasse a URSS é um dos elementos explicativos para a política de apaziguamento desenvolvida por Chamberlain ao longo dos anos 1930. A hesitação da Grã-Bretanha e da França frente às agressões da Alemanha sobre os países vizinhos, bem como à invasão italiana da Abissínia e à invasão japonesa da Manchúria, frustraram a política soviética de *segurança coletiva* e reforçaram a necessidade soviética de garantir sua própria segurança frente aos iminentes ataques do Eixo (VISENTINI et al., 2013).

Nesse sentido, em 1939, Stalin "procurou neutralizar os vizinhos pouco confiáveis, firmando acordos e instalando bases nas três pequenas repúblicas fascistas do Báltico (Lituânia, Letônia e Estônia) " (VISENTINI, 2013, p. 51). Outra medida tomada para garantir a defesa soviética contra os ataques do III Reich foi a transferência de algumas indústrias para os Urais, descentralizando a produção de armamentos na URSS. A fronteira entre indústrias da "ativa" ou da

"reserva", mencionada anteriormente, praticamente deixou de existir (BARBER et al., 2000). Os esforços produtivos do país centraram-se na produção para a *guerra total*. O III Plano Quinquenal (1938-1943), que privilegiava melhorias qualitativas na economia soviética, não pôde ser implementado. Segundo Visentini (2013, p. 41), seus resultados concretos foram "apenas a melhoria do transporte ferroviário, fluvial (com a construção de canais), a abertura da rota ártica (com quebra-gelos) ligando Murmansk a Vladivostok e a produção armamentista intensificada".

A eclosão da Segunda Guerra Mundial foi a epítome da crise no interior do sistema capitalista e da reação à revolução. A preparação soviética para a guerra na década anterior provou-se necessária e bem-sucedida, até certa medida. Kennedy (1989) hesita ao explicar a vitória soviética na guerra por sua produção industrial intensa e resiliente. Ainda assim, expõe em números a superioridade material da URSS frente à Alemanha:

> Apesar dos prejuízos econômicos provocados pela Operação Barbarossa - queda de 57% na produção de carvão, 68% na de ferro-gusa e assim por diante - vale a pena notar que a Rússia produziu 4 mil aviões a mais do que a Alemanha em 1941 e 10 mil a mais em 1942, e isso apenas para uma frente de luta [...] (KENNEDY, 1989, p. 338).

Com a vitória do Exército Vermelho sobre Berlim e o fim da II GM no teatro europeu, a URSS adquiriu o reconhecimento dos povos libertados. Os acordos de Yalta definiram boa parte da região como zona de influência soviética. Nesses países, foi acordada a manutenção das formas democráticas e a formação de frentes populares unindo setores social-democratas e socialistas. Com o tempo, a Europa Oriental passaria definitivamente ao campo socialista e permitiria o surgimento de inovações nas relações internacionais. Esse desenvolvimento, na medida em que significou a articulação de uma rede de comércio e de especialização na produção industrial, traria mudanças também à BITD soviética, além da própria integração militar promovida pelo Pacto de Varsóvia (DUPUY & BETTATI, 1969).

A vitória soviética também elevou a URSS ao *status* de potência mundial, provando seu poderio militar e econômico, sendo o único país no continente europeu capaz de "preencher o vazio deixado pela desorganização dos derrotados e pela fraqueza dos vencedores na Europa Oriental" (DUPUY & BETTATI, 1969, p. 5, tradução nossa). Porém, ainda no estágio final da guerra, os EUA, sob o

governo Truman, davam sinais do baixo nível de tolerância que adotariam frente ao socialismo. O lançamento das bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki, considerada estrategicamente desnecessário, foi sobretudo uma demonstração de força norte-americana(VISENTINI et al., 2013). Stalin percebeu o recado. A partir do fim da guerra, a BITD soviética tomaria novos rumos. Por um lado, houve a desmobilização de certos setores produtivos. Por outro, um forte investimento no desenvolvimento de novas tecnologias para manter-seapar dos EUA (BARBER et al., 2000). Esse processo será tratado na seção a seguir.

4 A Guerra Fria e o Início da Corrida Armamentista (1945 a 1953)

Com o final da II GM, a ênfase da pesquisa, do desenvolvimento e da produção industrial militar muda: inicia a corrida soviética pela bomba atômica. Logo após a bomba de Hiroshima, a URSS reorienta suas capacidades produtivas não só para a tarefa de reconstruir o país, como também para dar consecução ao projeto da bomba atômica e de seus meios de entrega. A percepção de monopólio dos EUA sobre essa tecnologia militar, bem como sua capacidade destrutiva e o poder de barganha que ela acarretava em política externa, foram os elementos centrais que motivaram as lideranças soviéticas a buscarem os mesmos objetivos (HOLLOWAY, 1997).

O enfoque da BITD soviética não se deu apenas na bomba atômica em si. Era preciso adquirir capacidades relacionadas aos meios de entrega e de defesa da mesma, o que incluía radares, foguetes/mísseis e propulsão à jato (motores e turbinas) (HOLLOWAY, 1997; HARRISON, 2000). Isso explica o fomento a essas tecnologias no Plano Quinquenal do pós-Guerra e o aumento em três vezes no volume de gastos militares no ano de 1946 comparativamente a 1945. Em relação às capacidades defensivas, criou-se em 1947 as Forças de Defesa Antiaérea, que congregavam interceptadores, radares e canhões antiaéreos, criando novas demandas sobre a BITD. Ainda, a Força Aérea de Longo Alcance (bombardeios estratégicos) e a necessidade de mísseis de longo alcance impactaram igualmente a organização da BITD. Novos centros de pesquisa e produção foram criados,

incluindo os Escritórios de Projeto[5] dos projetistas Tupolev, Miasishchev (ambos de bombardeios), e Glushko (de motores para mísseis) (HOLLOWAY, 1997).

A construção dessas capacidades foi antes uma resposta ao desafio imposto, principalmente pelos Estados Unidos, do que uma iniciativa e uma superioridade *a priori* soviéticas. Logo após lançarem a bomba de Hiroshima sobre os japoneses, os estadunidenses já elaboravam planos de possíveis usos desse tipo de armamento contra a URSS. Além disso, foram necessários grandes recursos e esforços no sentido de criar novos laboratórios de pesquisa, de teste e de produção das capacidades atômicas, anteriormente inexistentes na URSS. Esse processo não se deu de modo natural, mas como resposta à ameaça externa, o que elevou os gastos militares com a BITD em um momento delicado de reconstrução do país no pós-Segunda Guerra Mundial(HOLLOWAY, 1997).

O papel da espionagem na aquisição da *expertise* para construção da bomba e dos meios de entrega demonstra o atraso soviético e a necessidade de resposta rápida ao desafio externo. Todas as informações recolhidas passavam por diversos testes locais antes de serem aplicadas, mas, de modo geral, não eram contrainteligência e contribuíam para as pesquisas soviéticas (HOLLOWAY, 1997). Além disso, muito da tecnologia e daexpertise com foguetes e mísseis, por exemplo, foi adquirida dos alemães: documentos, instalações e protótipos mostraram aos soviéticos novas fronteiras em termos de capacidade e de alcance desses sistemas. Certamente, nenhum desses avanços teria sido possível se a União Soviética já não dispusesse de acumulação prévia de *expertise* e de capital humano, mas o fato é que as pressões externas forçaram o uso de pesquisas estrangeiras na BITD soviética (HARRISON, 2000).

Finalmente, em 29 de agosto de 1949, a União Soviética fez seu primeiro teste com a bomba nuclear, a qual usava Plutônio como material físsil. Com o teste bem-sucedido da bomba, estabelece-se na URSS uma indústria atômica capacitada não somente para fins militares, como também para uso civil em usinas termonucleares, navios quebra-gelo e submarinos - o que demonstra a capacidade de

5 Escritório de Projetos é a tradução que se atribui para as instituições (estatais) que, na URSS, faziam pesquisa, desenho e prototipação de armamentos ou de seus componentes. Na literatura, encontra-se frequentemente a expressão OKB, que é a sigla para as três palavras que compõem o nome russo. Após essa etapa dentro do OKB, essencial para o desenvolvimento do sistema, a produção em série se dava diretamente nas fábricas.

spillover da Base Industrial de Defesa desse país (SIMONOV, 2000b). Ainda no final de 1949, a prioridade da BITD passa a ser, então, a bomba nuclear de fusão ou bomba de hidrogênio. Em 5 de março de 1953, porém, Josef Stalin morre, poucos meses antes do primeiro teste bem-sucedido com bomba de hidrogênio, em 12 de agosto de 1953. Pode-se dizer que esses acontecimentos marcam o encerramento de um período: a partir de então a URSS adquire uma BITD sólida, consolidando suas capacidades estratégicas (HOLLOWAY, 1997).

Ainda que se tenha visto ao longo do texto que os rumos da Revolução Russa foram influenciados pelo aspecto externo advindo do constrangimento do SI, deve-se lembrar que o oposto também foi verdadeiro: essa foi a Revolução mais longeva e com efeito mais duradouro da história. Seus impactos sobre o Sistema Internacional ficam ainda mais claros neste período pós-Segunda Guerra Mundial, no início da Guerra Fria. Isso acontece, porque, neste momento, a própria URSS havia mudado seu *status* no SI: não era mais uma potência revolucionária marginalizada que poderia ser invadida por outras potências antagonistas; tornara-se uma superpotência altamente militarizada (WILLIAMS, 1994).

A União Soviética, apesar de muito enfraquecida pelo esforço de guerra, contava com grande capacidade de barganha frente às potências aliadas, uma vez que fora responsável pela derrota alemã na frente oriental. A partir dessa época, a Revolução exerce influência sobre o Terceiro Mundo e sobre as lutas de libertação nacional na África e na Ásia, bem como em regimes comunistas nesses países (WILLIAMS, 1994; VISENTINI et al, 2013). O desenvolvimento das sociedades de bem-estar social (social democracia europeia) surge, então, como resposta ao desafio imposto pela URSS de crescimento com melhor distribuição de renda e qualidade de vida (VISENTINI et al, 2013).

As potências capitalistas ocidentais, por meio da Guerra Fria, promovem a luta internacional contra o comunismo, incluindo embargos econômicos contra regimes comunistas para dificultar o acesso à tecnologia, principalmente militar. Foi criada, ainda, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) na tentativa de cerco e contenção à Revolução: incluiu-se a maior quantidade de Estados possível, para evitar que estes entrassem em processo revolucionário (WILLIAMS, 1994). É difícil determinar o quanto dessa resposta capitalista à Revolução soviética

impactou ou condicionou os rumos internos do regime. Ainda assim, a ênfase nas capacidades militares, a criação posterior da Organização do Tratado de Varsóvia (OTV) e a espionagem para fins de produção dentro da Base Industrial de Defesa podem ser citados como exemplos desses impactos.

5 Considerações Finais

Ao longo do período analisado por este trabalho, concluímos que a formação da BITD soviética decorreu de um processo interno de desenvolvimento da revolução. Contudo, a relação entre esse processo, as características internas à Revolução Soviética e o Sistema Internacional são multidirecionadas. A formação e a evolução da Base Industrial de Defesa na Rússia possibilitaram, primeiramente, que a Revolução fosse vitoriosa na Guerra Civil e, posteriormente, que a União Soviética vencesse os aliados na Europa Oriental na Segunda Guerra Mundial,alcançando o status de superpotência ao fim da guerra. Neste sentido, é a formação da BITD que influencia o desenvolvimento do SI durante o século XX.

No que toca à influência do SI sobre a formação da BITD, podemos identificar distintos papéis. Em primeiro lugar, momentos de combate direto, como a Guerra Civil e a Segunda Guerra Mundial, determinaram um esforço produtivo urgente da Revolução para sobreviver às agressões externas. Outro papel considerado é aquele cumprido pelo "fantasma" da contrarrevolução e da intervenção dos países capitalistas, presente ao longo de toda a história soviética, influenciando o pensamento da cúpula dirigente e de toda a sociedade sobre a necessidade de se armar para se defender. No meio termo, estão as situações *manifestas* (tácitas ou explícitas) de ameaça à revolução, como certos pronunciamentos de Hitler e de Truman. Em tais contextos, as preocupações do partido em relação à capacidade de defesa da URSS eram incrementadas, motivando novos investimentos e mudanças institucionais na BITD.

Por fim, há que considerar a utilização pragmática, por parte da cúpula política da URSS, da percepção pessimista acerca do panorama internacional na sociedade soviética. Em certo sentido, as tensões - ou expectativas de tensões, pelo menos - no sistema internacional serviam também como justificativa para a manipulação da opinião, tanto no interior do Partido bolchevique quanto no

conjunto da sociedade, a favor de uma ou de outra proposta política, que supostamente interessava a grupos específicos. Contudo, não se pode interpretar que os desdobramentos da indústria de defesa soviética tenham sua finalidade limitada a interesses privados e internos. A própria história demonstrou o valor da BITD soviética, não só para a sobrevivência da Revolução, mas também para a defesa contra o totalitarismo e a agressão externa.

The International System in the Formation of the Soviet Industrial Defense Base: from the Revolution to the Hydrogen Bomb (1917-1953)

ABSTRACT: This article focuses on the formation of the Soviet Defense Industrial Base and on the role played by the international system in this process, from the 1917 Revolution to the development of the hydrogen bomb in 1953. The modernization of the Soviet Union (USSR) was one of the goalsadopted by the Russian Revolution after its consolidation in 1922, and resulted in the rapid industrialization of the country. We startfrom the assumption that the construction and evolution of the Soviet Industrial Defense Base was a result not only of the revolutionists' view of the necessary stages of the Revolution, but also of a need to survive in a capitalist world that was competitive and hostile to the Revolution.

KEYWORDS: Russian Revolution; Soviet Union; Industrial Defense Base; International System.

Referências

ABRIL COLEÇÕES. **Veículos Militares 1906-1943.** São Paulo: Abril, 2010.

BARBER, John; et al. The structure and development of the defence industry complex. In: BARBER, John; HARRISON, Barb (org). **The Soviet Defence Industry Complex from Stalin to Khrushchev.** New York: St Martin's Press, 2000.

BUSHKOVITCH, Paul. **História Concisa da Rússia**. São Paulo: EDIPRO, 2014, 96 p.

GORLIZKI, Yoram; KHLEVNIUK, Oleg. **Cold Peace: Stalin and the Soviet Ruling Circle, 1945–1953**. New York: Oxford University Press, 2004.

HALLIDAY, Fred. **Repensando as Relações Internacionais**.Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.

HARRISON, Barb. New postwar branches (1): rocketry.In: BARBER, John; HARRISON, Barb (org). **The Soviet Defence Industry Complex from Stalin to Khrushchev.** New York: St Martin's Press, 2000.

HOLLOWAY, David. **Stalin e a Bomba: a União Soviética e a Bomba Atômica (1939-1956)**. São Paulo: Record, 1997.

JÚKOV, G. K. **Memórias e Reflexões: Tomo 1.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2015.

KONTOROVICH, Vladimir. **The military origins of soviet industrialization.** Comparative Economic Studies, v. 57, n. 4, p. 669-692, dez. 2015.

MELO, Regiane. **Indústria de Defesa e Desenvolvimento Estratégico: Estudo Comparado França-Brasil.** Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG), 2015.

SAMUELSON, Lennart. The Red Army and economic planning, 1925-40. In: BARBER, John; HARRISON, Barb (org). **The Soviet Defence Industry Complex from Stalin to Khrushchev.** New York: St Martin's Press, 2000.

SIMONOV, Nikolai. New postwar branches (2): the nuclear industry. In: BARBER, John; HARRISON, Barb (org). **The Soviet Defence Industry Complex from Stalin to Khrushchev.** New York: St Martin's Press, 2000b.

SIMONOV, Nikolai. The 'war scare' of 1927. In: BARBER, John; HARRISON, Barb (org). **The Soviet Defence Industry Complex from Stalin to Khrushchev.** New York: St Martin's Press, 2000a.

SONTAG, John P. "The Soviet War Scare of 1926-27." **The Russian Review**, vol. 34, no. 1, 1975, pp. 66–77.

VISENTINI, Paulo G. F.; PEREIRA, Analúcia D; MARTINS; José Miguel Q.; RIBEIRO, Luiz D.; GRÖHMANN, Luiz G.**Revoluções e regimes marxistas: rupturas, experiências e impacto internacional.** Porto Alegre: Leitura XXI, 2013.

WILLIAMS, Andrew. The Russian Revolution. In: CHAN, Stephen; WILLIAMS, Andrew (Ed.). **Renegade States: the Evolution of Revolutionary Foreign Policy.** New York: Manchester University Press, 1994. p. 57-75.